

A INDUSTRIALIZAÇÃO DO COURO: SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS

*Sônia Unikowsky Teruchkin**

Introdução

Este texto tem por objetivo avaliar, de forma bastante sucinta, a situação dos curtumes no País, procurando destacar o seu papel no Rio Grande do Sul. Para tanto, fazem-se breves considerações sobre as inter-relações dessa indústria com a pecuária e a indústria calçadista — principal fonte e mercado consumidor do couro —, procura-se mostrar a situação atual dos curtumes em termos tecnológicos e seus problemas em relação aos insumos químicos, a importância das importações e exportações e, por fim, as perspectivas dessa indústria.

A indústria brasileira de curtumes produz basicamente para o mercado interno, sendo a maior parte de sua produção dirigida ao setor coureiro-calçadista, para a manufatura de calçados e artefatos de couro (bolsas, cintos, carteiras, luvas, etc.), que se destinam aos mercados interno e externo. Assim, parte da produção nacional de couros, fica no mercado interno, e o restante é exportado indiretamente sob forma de artigos manufaturados ou comercializado diretamente pelos curtumes no mercado externo. Conforme informações de (ZH, 10.7.90, p.18), estima-se que 23% da produção nacional foi colocada no mercado internacional, diretamente, pelos curtumes, e 27%, indiretamente, através do setor coureiro-calçadista, perfazendo 50% da produção nacional.

As indústrias gaúchas de couro são caracterizadas por dois segmentos: os tradicionais, que adquirem o couro cru e fazem o processo completo de acabamento, e os curtumes beneficiadores, que recebem a matéria-prima das indústrias de calçados e atuam na forma de prestação de serviços. De um modo geral, são empresas tradicionais, de constituição

familiar e de capital nacional. Mas, apesar do grande número de curtumes existentes no Estado, poucas unidades industriais de grande porte, que lidam com grandes volumes, detêm parcela considerável da produção.

A situação dos curtumes

A capacidade instalada de processamento dos curtumes é bastante elevada, permitindo a industrialização de todo o couro produzido no País, e, segundo a Associação das Indústrias de Curtumes do RS (AICSUL), esta inclusive supera a produção da matéria-prima básica: pele de couro.

"O processamento anual no país, conforme o relatório do Plano Setorial Integrado (PSI) do setor coureiro-calçadista, está na faixa de 20,3 milhões de peles bovinas, ou 80 milhões de metros quadrados hoje. Em peles caprinas, a industrialização anual é calculada em seis milhões de unidades, ou três milhões de metros quadrados. Logo a seguir estão os suínos com 2,3 milhões de couro/ano; os ovinos com 1,3 milhão; e os eqüinos, apresentando 0,5 milhão" (Tecnicoiro, 1990, p.30).

No Rio Grande do Sul, a capacidade instalada da indústria curtidora é superior à oferta estadual, já que sua ampliação não foi acompanhada pelo crescimento dos abates, gerando uma crescente escassez de couro "in natura" e sucessivos acréscimos de preços dessa matéria-prima. Estima-se que os curtumes gaúchos responderam por cerca de 60% da industrialização de couros bovinos no País, nos últimos anos da década de 80.

Como grande parte do couro processado destina-se à indústria calçadista, quer para o mercado interno, quer para exportação, a indústria curtidora, colocada no meio do caminho entre a produção pecuária e a calçadista, recebe os impactos das alterações ocorridas em qualquer uma das pontas.

A baixa qualidade do couro "in natura", devido a problemas de doenças do rebanho e à falta de maiores cuidados do gado no campo (principalmente pela incidência de carrapatos, marcas de fogo e de arame farpado) e nos abatedouros, requer um processo de beneficiamento do produto altamente oneroso. Tal situação faz com que, atualmente, o setor se concentre na redução de custos, e "(...) a principal reclamação

dos curtumes é contra os preços praticados pelas indústrias de produtos químicos, que representam 25% do custo total do couro acabado" (ZH, 29.4.90, p.7).

As instalações dos curtumes, que no início dos anos 80 eram, em geral, consideradas obsoletas em relação às de outros países exportadores, foram renovadas, a partir da metade da década, devido ao elevado salto de qualidade das indústrias de máquinas para curtumes. Mas, mesmo assim, seu nível tecnológico encontra-se ainda bastante distante das máquinas para processar couros utilizadas pelos curtumes europeus.

Esses fatos determinaram uma tendência de acréscimos do volume de vendas ao Exterior de couros em bruto ou de baixo grau de beneficiamento em detrimento das exportações de couro curtido ou acabado de maior valor agregado e maior preço médio no mercado internacional.

A aquisição de couro de outros estados por parte dos curtumes gaúchos tem ocorrido com bastante freqüência, dada a escassez de matéria-prima no Rio Grande do Sul. Conforme Arruda (Arruda, 1989, p.6), em 1988, para

"(...) produzir 14 milhões de peles por ano, o estado se abastece de outros centros. Parte dos 6,7 milhões de couro não processado (cru) e 7 milhões de 'wet-blue' (primeiro estágio de processamento) e semi-acabados são adquiridos do Norte e Centro-Oeste."

Se, por um lado, a oferta de couro no Estado não atende à demanda dos curtumes gaúchos, por outro, "(...) o couro nacional é usado principalmente na confecção de calçados para o mercado interno, enquanto os grandes exportadores se abastecem de couro argentino, importado com isenção de impostos, pelo regime 'drawback'. O sistema tem funcionado a contento, mas os líderes calçadistas fazem uma ressalva quanto às pequenas e médias empresas, que nem sempre reúnem condições de importar matéria-prima" (R. CACEX, 1988, p.9).

As importações diretas, pelos curtumes, de peles de couro para serem processadas no País não ocorrem habitualmente, dado que os preços praticados no mercado internacional são, em média, mais elevados do que as cotações internas, já que o produto se apresenta, em geral, com qualidade superior. Entretanto, em determinados períodos, como durante o Plano Cruzado (1986) e o Plano Verão (1989), com a retenção do gado no campo pelos pecuaristas, o preço interno do couro subiu acima das cotações internacionais, estimulando a compra do Exterior pelos curtumes nacionais.

Mas essas importações vêm se realizando sistematicamente pelas indústrias de calçados para exportação, que buscam, no Exterior, parte do couro de primeira qualidade para a sua produção, uma vez que, segundo o relatório do Plano Setorial Integrado (Tecnicoouro, 1990, p.26-33), apenas cerca de 15% dos couros brasileiros podem ser enquadrados na categoria de primeira. Esse couro, importado pelo sistema "drawback", desembarca no Estado com preços inferiores ou similares aos praticados no mercado interno, dependendo da época, e com uma qualidade cerca de 30% superior à do processado internamente. Nos últimos anos, em torno de 80% das importações brasileiras de couro foram absorvidas pelas indústrias gaúchas de calçados de exportação, sendo o produto adquirido, em grande parte, da Argentina e do Uruguai.

Os curtumes brasileiros exportaram, em 1989, como já foi visto, cerca de 23% da produção nacional de peles de couro. Entretanto esse produto, no montante global das vendas externas do País, representou apenas 0,7%. Tais dados denotam que a maior parte da produção nacional de couro destina-se ao consumo interno e que esse produto é pouco representativo na pauta brasileira de exportação. Mas, ao se adicionarem as exportações diretas do couro às de calçados, suas partes e componentes, esse percentual eleva-se a 5% da pauta de vendas externas, conforme cálculos realizados a partir dos dados da CACEX.

No Rio Grande do Sul, a situação é um pouco diferente, já que o setor coureiro-calçadista tem um papel muito mais significativo. Os curtumes gaúchos, nos últimos anos da década de 80, apesar de terem respondido por cerca de 60% da industrialização do couro bovino, participaram em torno de 37% do valor das vendas nacionais ao Exterior. As exportações de couro representaram um percentual próximo a 3% das receitas cambiais do Estado, mas, ao se adicionarem as vendas externas de calçados de couro, essa percentagem atinge quase 33% da pauta gaúcha, dada a sua elevada representatividade.

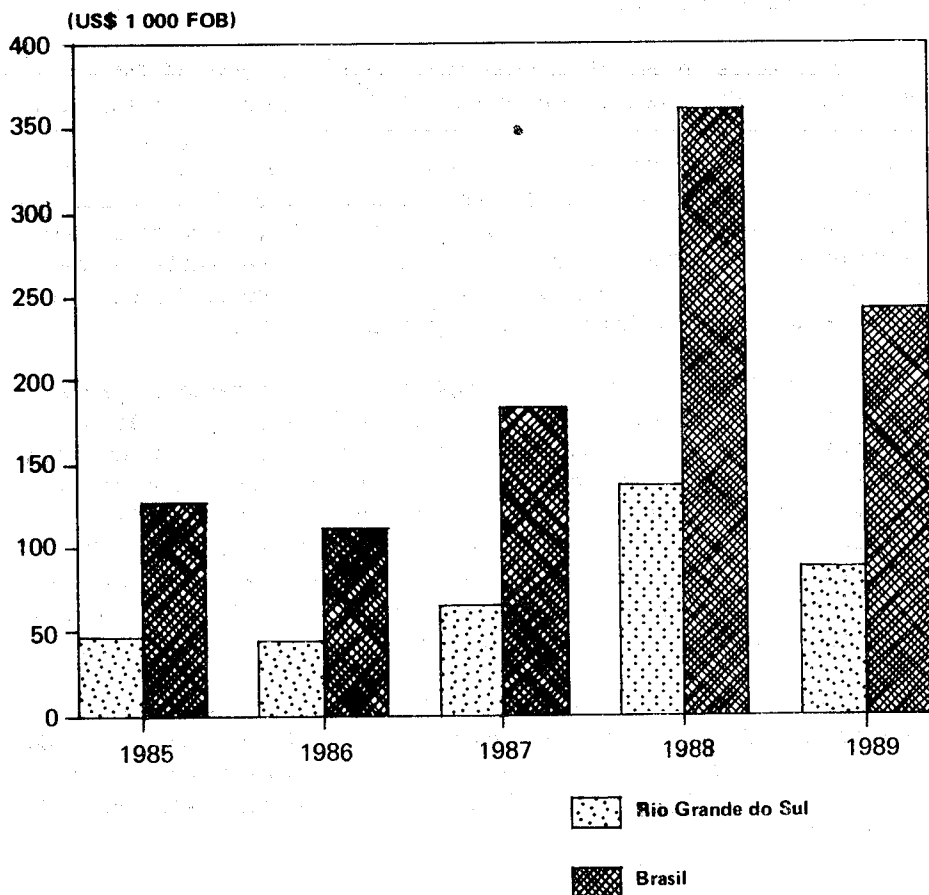
As exportações brasileiras e gaúchas de couro cresceram acentuadamente no biênio 1987-88, decrescendo em 1989. Ao se tomar o período 1985-89, a taxa de crescimento médio anual das vendas externas de couros e peles é de 18%, tanto a nível estadual como nacional, denotando um comportamento similar no período.

Em 1985 e 1986, as exportações nacionais e regionais de couro apresentaram um leve decréscimo em relação aos anos imediatamente anteriores, sendo este mais acentuado a nível nacional. A redução das vendas externas deve-se, entre outros fatores, ao menor ritmo de cres-

cimento das economias dos principais parceiros comerciais e ao elevado incremento da demanda interna, principalmente em 1986, fruto dos aumentos reais de salário.

GRÁFICO 1

EXPORTAÇÃO DE COUROS E PELES NO RIO GRANDE DO SUL E NO BRASIL — 1985-89



Na época do Plano Cruzado, o consumo interno do couro aumentou sobremaneira, ao mesmo tempo em que os abatimentos se reduziram, já que os preços internos e a taxa de câmbio estavam congelados. Conseqüentemente, apareceu o ágio, os preços no mercado interno elevaram-se e começaram a faltar diversas matérias-primas para o curtimento do couro, comprometendo a exportação direta do couro curtido. Entretanto o avanço das moedas européias em relação ao dólar em 1986 propiciou um aumento do preço externo do couro curtido para a Europa, fazendo com que o decréscimo do valor exportado nesse ano atingisse apenas 12% a nível nacional e 3,7% a nível regional.

Em 1987 e 1988, as vendas externas cresceram a taxas elevadas, devido ao arrefecimento da demanda interna e ao panorama internacional amplamente favorável, com a manutenção das taxas de crescimento das economias dos países industrializados, principais consumidores do couro exportado. A aceleração da inflação nesse biênio reduziu significativamente o poder de compra de grande parcela do mercado interno, permitindo um acréscimo nas receitas cambiais de couros e peles. Por outro lado,

"(...) a boa oferta de couros verdes, gerada por um bom fluxo de matanças no período da safra, foi fator preponderante para que a indústria de curtimento do Brasil alcançasse um bom desempenho em 1988" (Tecnicoouro, 1988, p.42).

A partir do último trimestre de 1988, o setor passou a enfrentar dificuldades devido à escassez da matéria-prima e à majoração do preço do couro verde. Esses problemas, que se refletiram no ano de 1989, comprometeram a competitividade do produto no mercado internacional, reduzindo suas exportações em 35,5% e 32,6%, respectivamente, no Estado e no País em relação ao ano anterior.

Os principais mercados importadores de couros brasileiro e gaúcho têm sido Estados Unidos, França, Países Baixos, Reino Unido, Alemanha Ocidental, Hong Kong, Itália e Espanha, países de elevado desenvolvimento industrial. Os três últimos citados são igualmente grandes exportadores de calçados e participam no mercado mundial com o Brasil, dentro de suas especificidades, tendo a Itália se especializado em sapatos de exportação de categoria e de preços mais elevados.

O maior volume de exportações é de couro cru e "wet-blue", que são acabados nos países importadores, mas, em razão do seu baixo preço médio, não representam a maior parcela do valor exportado.

De janeiro a julho de 1990, para o qual só se dispõe de dados aproximados para o Brasil, devido a problemas com a extinção da CACEX no atual Governo, as vendas para o mercado externo de peles e couros preparados e curtidos cresceram quase 15% em relação ao mesmo período de 1989.

Apesar desse resultado, na metade do ano os curtumes estavam operando com uma ociosidade próxima aos 40%, dada a redução da demanda do mercado interno e das exportações indiretas. As vendas de calçados de couro do País e do Estado ao Exterior decresceram cerca de 13% e 8,4%, em valores monetários, respectivamente, nos primeiros sete meses do ano, em comparação com igual período do ano passado, de acordo com dados da balança comercial do País e da AICSUL.

Perspectivas

Apesar de as exportações conviverem com uma taxa de câmbio desfavorável, que provoca uma baixa remuneração do mercado externo e do preço do couro no mercado interno, e dos demais custos terem se elevado acentuadamente nesses primeiros sete meses do ano, os empresários esperavam repetir em 1990 o volume de exportações de couros e peles do ano anterior. Tendo em vista que a defasagem de câmbio vem se ampliando nos últimos meses, poderá haver uma reversão de expectativas.

Com as alterações na política de comércio exterior, como ampliação do prazo de comprovação de exportações pelo sistema "drawback" e redução de alíquotas de importação do couro — a Portaria nº 463 reduziu para zero a alíquota de importação do couro "wet-blue" —, tornando-se necessário, segundo os empresários, "(...) serem reduzidas para zero as alíquotas de importação de insumos químicos para que os curtumes possam obter melhor competitividade em relação aos produtos estrangeiros" (Wells, 1990, p.4). As principais reclamações do setor curtidor têm sido a baixa qualidade e os preços praticados pelas fábricas nacionais de insumos químicos, o que tem contribuído para elevar o custo interno da produção.

"Praticamente todas as grandes empresas de produtos químicos da Europa e dos EUA têm subsidiárias no Brasil, mas não conseguem fazer aqui o mesmo produto que nos seus países de origem, porque muitas vezes faltam os componentes e o Governo não permite ou dificulta sua importação. (...) Assim, o produto no Brasil ou se torna mais caro ou de qualidade inferior, e isso é um sério problema." (Tecnicoouro, 1988, p.10).

Mas a crescente escassez mundial e o alto preço do couro bovino — principal matéria-prima processada — têm levado os curtumes ao aproveitamento de peles de outros animais, além das já tradicionalmente utilizadas. O Brasil conta com um grande número de criadores de coelhos, rãs e jacarés, cujas peles vêm sendo aproveitadas, e começa a beneficiar também as peles de peixe e de pés de galinha para adornos pequenos. Em outros países, a variedade de couros utilizados é muito maior, como, por exemplo, as peles de cobra, de lagarto, de nútria, etc.

A diversificação das peles a serem processadas — que não exige necessariamente uma grande modificação no equipamento dos curtumes — vem se tornando uma necessidade cada vez mais acentuada. Segundo estimativas da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO) para o período 1990-2000, o consumo mundial de couro aumentará em torno de 23%, não acompanhando o acréscimo previsto da produção de couro (bovino, ovino e caprino) no mesmo período, de aproximadamente 14% (Eggers, 1987, p.86).

Hoje a indústria curtidora fornece matéria-prima basicamente para a confecção de calçados, artefatos de couro, vestuário e setor de estofamento. Apesar da possível e crescente substituição do couro por materiais sintéticos, o uso desses materiais não deverá significar uma ameaça real para o couro, na medida em que a sua qualidade possa ser melhorada e, portanto, utilizado para outros artigos de couro de preços mais elevados, atendendo às exigências dos produtos de luxo. Além disso, com o avanço da biotecnologia, espera-se o uso da pele crua como importante fonte de matéria-prima para produtos farmacêuticos e médicos.

Vê-se, pois, que as perspectivas para a venda externa dos produtos dos curtumes brasileiros e gaúchos são boas. Torna-se indispensável melhorar a qualidade da pele, tanto no campo, nos abatedouros, como pelo adequado sistema de armazenagem, para que o maior volume de vendas ao Exterior seja de peles curtidas e processadas internamente, gerando maior valor agregado à economia. Tal situação implicará a necessidade de os curtumes resolverem os problemas de poluição de efluentes, visando minimizar as questões relativas ao meio ambiente. Esse problema já foi praticamente superado na Europa, existindo tecnologia para isso. Entretanto é necessário um grande aporte de recursos, já que se trata de grandes investimentos.

Os cuidados das peles dos animais, aliados ao avanço tecnológico pelas novas técnicas de curtimento, permitirão aos curtumes não só a abertura de novos mercados, como o curtimento da maioria das peles no

País, resultando em mais elevadas receitas cambiais para o Brasil. Nesse contexto, o Rio Grande do Sul, com importante peso no setor coureiro-calçadista nacional, só terá benefícios pela melhoria da qualidade de seus produtos de exportação e, conseqüentemente, pelos maiores preços médios no mercado internacional.

Bibliografia

ARRUDA, Guilherme (1989). Gaúchos importam couro para exportar calçados. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 16 ago. p. 16.

EGGERS, Clécio (1987). A indústria curtidora do século XX. **Tecnicouro**, Novo Hamburgo, 2(2): 84-8, mar./abr.

REVISTA CACEX (1988). Rio de Janeiro, v. 23, n.1066, 29 fev.

TECNICOURO (1988). A indústria brasileira de couro está atrasada em termos mundiais. Novo Hamburgo, 10(2): 6-11, mar./abr.

__(1988a). Novo Hamburgo, v. 10, n.8, nov./dez.

__(1990). Novo Hamburgo, v. 12, n.3, maio/jun.

WELLS, Milton (1990). Redução de alíquotas deve ter reciprocidade dos países do Cone Sul. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 11/13 ago. p. 4.

ZERO HORA (24.4.90). Curtumes com 40% de ociosidade. Porto Alegre. Caderno de Economia. p. 7.

__(10.7.90). Queda também na produção dos curtumes. Porto Alegre, p. 18.